

Vozeria: antologia de poemas inéditos

Vozeria: an Anthology of Unpublished Poems

Ayana Moreira Dias

 <https://orcid.org/0000-0003-4032-9540>

Cecilia Silva Furquim Marinho

 <https://orcid.org/0000-0002-4818-908X>

Maira Luana Morais

 <https://orcid.org/0000-0002-3437-5930>

Mariana Diniz Mendes

 <https://orcid.org/0000-0003-0796-2627>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188697>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/.188697>

Recebido em: 21/07/2021. Aprovado em: 21/07/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

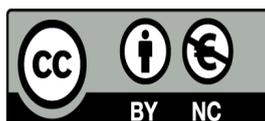
Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

DIAS, Ayana Moreira et al. Vozeria: antologia de poemas inéditos. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 507-525, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188697> Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/.188697>

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

vozearia: antologia de poemas inéditos

Nesta edição, consideramos significativo apresentar os poemas inéditos, agrupando-os numa antologia, privilegiando sua natureza de coro, em que um grupo canta num palco, uma mesma partitura. Aqui, a ideia de partitura não é a de promover um canto em uníssono, mas a de sobrepor cantos vários, cantos díspares, que se relacionam numa enunciação e num espaço comum. A chamada favoreceu a escrita de mulheres e de pessoas pertencentes ao grupo LGBTQIA+, em afinidade com o dossiê temático, que procura contestar a prevalência de grupos historicamente privilegiados no fazer literário. Dessa forma, a antologia, a despeito dessa afinidade, celebra as diferenças na medida em que reúne pessoas de idades, origens e posições distintas, tanto na vida profissional como na vida literária. Esperamos que esses dezessete cantos ressoem multiplicados na experiência dos leitores.

*Ayana Moreira Dias, Cecília Silva Furquim Marinho,
Maira Luana Moraes, Mariana Diniz Mendes.
Editoras da Opiniões n. 18*

índice:

- À Força do hábito – Isabela Sancho – p. 509
Nada gira – Patrícia Bastos – p. 509
Tecidos – João Pedro Fernandes Gomes – p. 510
Sem título & Estatuazinha de gesso – Cristiane R. de Souza – p. 511
Apelo – Alai Diniz – p. 512
Entremeios & Enterro de anjinho – Márcia Vinci – p. 513
Cíbaló – Edith Derdyk – p. 514
Eu sabia que chegaria o dia em que os sonhos dariam para a janta também – Selminha Ray – p. 515
Trauma in a post – Cecília Furquim – p. 517
Sem título – Lilian Escorel – p. 518
Escrínio – Danilo Santos Fernandes – p. 518
Rapa Dura Vó – Selma Maria da Silva – p. 519
Pedagogia & Um poema para quando – Marise Hansen – p. 520
Uma emoção pequena, qualquer coisa – Ana Ladeira – p. 521
Aula de anatomia – Ana Elisa Ribeiro – p. 522
Sobre corpos & Fatias – Ayana Dias – p. 523
Pranto para a mulher que já não há – Diana Junkes – p. 525

Isabela Sancho¹

à força do hábito

Não há mais quem te intercepte no corredor
enrolada na toalha do banho para que caia.
Não é preciso abrir cada uma das portas do armário
para retardar o acesso até ti enquanto te trocas.
Não estão aqui os olhos vidrados nos teus bicos e colo
para que te abotoes até o pescoço.

No entanto, na casa do agora onde constas, única habitante
as roupas ainda são levadas e trazidas e trancadas contigo no banheiro.
De dia e de luzes acesas, a maçaneta puxa fortuita
teu laço do vestido e do medo.
É nos teus próprios gestos que o cínzeo fantasma do que não existe
continua a te assombrar.

Patrícia Bastos²

nada gira

disfarçar o caos através de vitrines e vestígios
dívidas, dúvidas, previsões de tarô
essa desordem verborrágica Inútil e sem sentido
de tempos em tempos ver a maré mudar
derreter, afundar, cortar sem bater
isso não tem mais jeito, é fraco, é estreito, não serve, não alcança
não cabe
no mar.

¹ Isabela Sancho é poeta e ilustradora, graduada pela UNICAMP e com formação pelo Centro de Estudos Psicanalíticos. Autora de *As flores se recusam* (Patuá, 2018); *A depressão tem sete andares e um elevador* (Penalux, 2019), *Monstera* (Urutau, 2019) e *Olha d'água, espelho d'alma* (Folheando, 2021).

² Patrícia Bastos é mestra e doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atuou com os grupos Palavras Andantes (2018), Terra Vênus (2014/2015) e Água Viva (2000) em trabalhos realizados através de performances feitas com poemas e textos escolhidos. Em 2016 lançou seu primeiro livro de poesia, *Em carne e osso*, pela editora Multifoco. Atualmente pesquisa oralidade e a representação dos corpos femininos na Literatura Brasileira.

João Pedro Fernandes Gomes³

tecidos

Queria saber manejar tecidos
Coser camisas de bege, com linho e botão
(para as quais precisaria de curso aos domingos.
Ou deixar de lado mais a moda de outono)
Mas alguns bons tecidos, e fortes
que servissem de abrigo para cada cor,
lenta e primeira,
que o balançar da bandeira trouxesse dos palácios.
Tecidos caindo como caem braços
que seque o suor de meus amigos

Quatro metros bastam se arejado for.
Para desvelar mistérios,
acolher sussurros,
não ceder ao dente de nenhum dos ratos
Panos que ilustram o sambar dos sapatos
libertam cenho de guerreiros fartos
que esfiapam sedas de minha heresia

É possível, tecidos
do algodão que encanto
de chão denso e torto e mané e maria
Tecidos em mãos sem o pó das casas
pó qual volto ou qual planto se não crio asas
decisão que acanho com a paixão dos dias.

³ João Pedro Gomes é professor licenciado em português e inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE), onde estudou a superaventura estadunidense e suas ligações com o mítico e o maravilhoso. Em interesses poéticos, por vezes alimenta a página "caderno cortês" no Instagram (@cadernocortes). Acredita no heroísmo dos poemas, mesmo os de gaveta. Email: fernandesgomes.jp@gmail.com).

Cristiane Rodrigues de Souza⁴

ele me deu o lenço amarelo

agora ando pela cidade
com o sol pendurado
no pescoço

estatuazinha de gesso

não vi as notícias
mesmo assim 1500 morreram

a memória dos vizinhos
quer esquecer o perigo

eu sou a memória
e o que digo

um inseto morreu
na mesa de trabalho

no posto de gasolina
havia um homem sem máscara

o frentista se sabe protagonista
mas às vezes duvida

o vento desvirou o inseto
tinha mãos em juramento

a vida agora só existe
em fragmento

⁴ Cristiane Rodrigues de Souza, mestre em Estudos Literários pela UNESP, doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP, com pós-doutoramento pelo IEB-USP, é professora de Literatura na UFMS de Três Lagoas e poeta. Além de livros de crítica literária, publicou, no Brasil: *O dragoeiro* (Intermeios, 2012) e *Todo poema é de amor* (Laranja original, 2019); na França: *O amor é uma companhia/ L'amour est une compagnie* (Éditions Convivium Lusophone, 2019); e em Portugal: *É muito céu pra tão pouco corpo* (Edições esgotadas, 2019). E-mail: cris.rodrigues.de.souza@gmail.com.

Alai Diniz

apelo ⁵

Aedo, aedo, Homero
Na cegueira desde o dia

Como arar a poesia
Se o querer nem sei
se veio
se o querer
nem tem recheio
se o querer nem sei
se é cheio

Como abraçar
a Safo
Se de água
a boca salga
por essas rugas
no leito

Deleite
lacera o vento
a cantar
s'embora
o trovador
retalha o peito
a trombeta
em silêncio
nesse mar

Aedo, aedo, Homero,
na cegueira desde o dia

Amordaçado o poema
Nem casa, ilha,
na dor minha
que flui

A Safo espero

⁵ Alai Diniz é ensaísta, poeta e pesquisadora da obra de Roa Bastos, literatura periférica, entre outros temas. Professora na UFSC na área de Literatura Espanhola. Fez parte do Programa de Pós-Graduação em Literatura e dos Estudos de Tradução (PGET), além de criar o Curso de Artes Cênicas que coordenou. Traduziu poemas cubanos (1995) e ensaios de Jean Franco (2005). Foi Professora Visitante Sênior na UNILA. Publicou poemas Ventri loca (2009) hoje cultiva o Sarau. Desde 1949 insiste em viver.

entremeios

renda de bico
no entremeio
do decote
bala perdida
no entretempo
do recreio

faixa de crochê
na curvatura
da cintura
gente na rua
no entrevero
de bandeiras

tira bordada
no bem acabado
da baínha
máscaras e gases
no entrechoque
de porradas

vestido de baile
na entreluz
dos holofotes
sangue pisado
na entremanhã
do baile funk

poesia nascente
nas entrelinhas
do verso negro
poeta cantante
nos entrementes
da morte

renda de bico
no entremeio
do decote

enterro de anjinho

lá evém o cortejo
não é festa, não
é enterro mesmo
enterro de anjinho
anjinhos maiores
carregam o caixão
anjinhos menores
com flores na mão
gente grande
pessoas
homens tiram
o chapéu
mulheres
em rendas de véus
os doidinhos do lugar
Zé Birí
Zé meu pai
o vendedor de guloseima
a cachorrada
nós criançada
Mozart menino
fazendo sonata

⁶ Marcia Vinci nasceu em Poços de Caldas, Minas Gerais em 1933. Coursou Letras na USP e foi professora de Português e Francês na rede pública paulistana. Publicou três livros de poesia pela editora Boto-cor-de-rosa.

Edith Derdyk⁷

cíballo

hoje porque sempre é hoje
abro o dicionário ao acaso

livro – cais para oceanos provisórios
chave para fendas de horas vagas

ao acaso abro o dicionário
corro os olhos pela linhagem das palavras em estado de vitrine

me abro em duplas dispostas em 4 colunas vertebrais
tropeço nada distraída na listagem de palavras recolhidas

e feito cascalho do leito no rio
e feito cascalho no leito do rio

caio em cíballo
cíballo soa nome de deus antigo

cíballo sibila sílaba nos lábios
empatia vaidosa dos ésssessssss

s é consoante assoprada
tem ar vocal embutido

associo cíballo ao címballo
prato de prata côncavo de som

címballo é percussão chiada
chocalho de cobra em forma de instrumento

eme dentro de címballo
ecoa para dentro de si um om

assim entorno cíballo tal címballo em som
e continuo em retidão a leitura no dicionário

⁷ Edith Derdyk é artista, educadora, ilustradora e autora de alguns livros como *Linha de Costura; A pesar, a pedra; Da língua e dos Dentese* e outros. Atualmente coordena a Pós-Graduação "Caminhada como Método para Arte e Educação" na A Casa Tombada. Em 2017 foi contemplada com o título Doctora Honoris Causa pelo 17, Instituto de Estudios Criticos, Cidade do México. Para conhecer melhor o trabalho da artista, acessar www.cargocollective/edithderdyk.

os sinônimos da palavra giram seu vértice de sentido
e nos trai e complica em som cantado

cíbalos se diz resto de comida no prato
aquilo que sobra daquilo que escapa do que foi goela abaixo

o que resta da sobra resvala em abundância
quem deixa restos e rastros é porque não precisa ir até o fim

cíbalos também se diz ser excremento
aquela outra parte da comida comida digerida expelida

aquilo que não sobrou no prato e sumiu pela goela abaixo
aquilo que já não tem serventia

é quando resto vira reto
e cíbalos ainda assim sibila lindamente no meu tímpano

Selminha Ray⁸

eu sabia que chegaria o dia em que os sonhos dariam para a janta também

Plantamos memórias tal qual sementes,
compartilhamos histórias como se todas
- as do passado longínquo e do futuro-mistério -
também fossem nossas.

Enquanto nos movimentamos nesse tempo parado,
sobrevivemos ao presente com risada, companheirismo e muito afeto.
Eu que não cria no "ninguém solta a mão de ninguém",
agora, quero segurar as suas também.

⁸ Graduanda em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É escritora, pesquisadora de narrativas negro-diaspóricas na literatura brasileira e transcritora. E-mail para contato: selminha.ray@gmail.com.

A mão que afaga é a mesma que levanta a caneta.
A mão que escreve é a mesma que leva amor ao coração.

E o quentinho que eu sinto daqui,
espero que te pegue daí.
Já não são mais as dores de mulheres machucadas que nos une,
mas a vontade de ser grande:
de ser uma, de ser duas e de ser mil
ao mesmo tempo que somos únicas, que somos dengo,
que somos líquidos que escorrem por entre as pedras.

Já nos é permitido sonhar,
pois nos demos esse direito.
Me sinto abençoada
e ninguém mais poderá tirar isso de mim.
Eu sabia que chegaria o dia em que os sonhos dariam para a janta também.
Se no papel digo quem sou e a que vim,
faço reverência a todas aquelas que vieram antes:
à maranhense, às mineiras de Sacramento e de Belo Horizonte,
à cearense, à descendente de quiocos vindos de Angola.

E das que emergindo estão,
cumprimento Preta Lírica, Loroza - a Luiza - até onde jazz meucoração.
Nas Cartas de uma Guimarães encontro esperança de dias mais bonitos
e cismo que posso me reinventar.

Ouçõ soarem os tambores;
a chamada agora é para mim mesma.
Olho-me com cuidado através de um espelho dourado,
mantenho a chama acesa e escrevo.
Enfim estou fazendo ecoar
a vida-liberdade de uma comunidade inteira.

Cecilia Furquim⁹

trauma in a post¹⁰

ina
a ursa
dividia
uma pequena jaula
com a irmã
anca
in a
romen
ian zoo

andou
em círculos
por vinte
anos

hoje vive
in a
sanctuary
presa
in a
virtual cage

ina ain
da anda
em circulo
os



⁹ Poeta e pesquisadora de literatura brasileira de autoria feminina (doutoranda - FFLCH – USP). Autora de *A Coruja, o Gato e os Filhotes* (Melhoramentos, 2014), *Mulheres Salgadas* (Urutau, 2019) e *Brusco* (Urutau, 2021).

¹⁰ O poema foi inspirado numa notícia de jornal, com a fotografia que segue.. Fonte: https://www.metroworldnews.com.br/social/2021/01/24/apos-viver-por-20-anos-em-cativeiro-ursa-segue-em-jaula-imaginaria-video.html?fbclid=IwAR0gGwUQhOqBXZmYme78gT_41LG1VnWFMqkGe8_0xrqTdcn4nWYNPQFVZUK

Lilian Escorel¹¹

No tempo da camisolinha
era a combinação
a anágua

modelavam curvas
cobriam transparências
sutiãs calcinhas

escondiam a origem do mundo

e tudo se imaginava
no tempo da camisolinha

No tempo da camisola
era o babydoll
a renda o cetim

mostravam as pernas
e insinuavam o que havia
entre elas

não se imaginava apenas
também se fazia

quase sempre
quando não se queria

No tempo da camiseta
eram os sutiãs queimando
e as calcinhas

agora é que são elas!

Danilo Santos Fernandes¹²

escrínio

Queria que esse momento
durasse para sempre
você sentado lendo Matilde Campilho
enquanto eu frito batatas
e ouvimos Snowmine

univitelinos
o meu tempo e o teu
respiram em sincronia
profunda

mas os desejos têm verbos
e a vida transmuda

por isso esse poema:
para não dizer adeus jamais
à cena que se afunda

¹¹ Doutora em Literatura Brasileira (FFLCH-USP) tendo realizado, depois do doutorado, pesquisa de pós-doutorado em Literatura Brasileira no IEB-USP; Professora, Tradutora, Poeta; Professora de francês no Colégio Santa Cruz; e-mail: lilianescorel@gmail.com.

¹² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Três Lagoas. E-mail: danilosfernandes13@gmail.com

rapa dura vó

1 rapadura e 9 bocas
silêncio, sons diversos.
Já falei, vou dar um pedaço para cada um.
O silêncio fala

Mas, Vó!
Um gesto, a faca enorme.
Vó!
o pensamento vai
o corpo fica

Lá, na roça era 1 rapadura para cada 1.
Aqui, 1 para 9
A vó, sabia dividir, partir e compartilhar
O silêncio mais uma vez.
A faca move precisa sobre a rapadura.
As bocas mudas movem a degustar
O sabor prenuncio aroma da cana de açúcar
Os olhos da Vó sorriem
Falam da roça o corte da cana, o preparo da rapadura.
Por um instante,
Vó gigante 1,45cm de altura
Vé cada um de nós
Diz

Lá na roça muitas rapaduras.
Aqui 1 rapadura para 9 sabores
Memórias em 9 corpos futuros

Da Vó
Rapa
Dura
Vida

¹³ Selma Maria da Silva (Profa. Dra. em Políticas Públicas/UERJ, Pós Doc. em Literatura UFOP/GELCI), mulher negra cis, brasileira, ativista antirracista, feminista negra, professora de literatura, poetisa, leitora e estudiosa de Literatura Negra Brasileira. Coordenadora do grupo de estudos e pesquisa – Laboratório de Memórias em Educação das Relações Étnico-raciais na Formação de Professores – LabMere. Publicou o seu primeiro livro individual de poemas em 2019 – “Eu, mulher negra, escrevo”.

Marise Hansen¹⁴

pedagogia

Desaprendi
A me enfeitar pro baile
A virar estrela
A rezar o terço
Como se toma chuva
Como se telefona
Mas vou reaprender.

Aprendi
A sorrir sem graça
A fazer de conta
A voltar a casa
Como se põe a mesa
Como se corta a asa
Mas vou desaprender.

um poema para quando

(Atenção: este poema é para quando
Você tem de fazer tudo
E o que você faz é nada
Para quando
Você quer abraçar o mundo
E as mãos estão amarradas).

Um poema para quando
A esquina é muito longe
E o minuto é muito longo
Para quando
O que você tem é muito
Mas outros dizem “nem tanto”.

Um poema para quando
O cansaço é maior que a fome
Você dorme e ronca mais que a barriga
Para quando
Você quer dizer “te amo”
E não há tradução na língua.

Um poema para quando
Tudo o que resta é gente
Feroz ou indiferente
Para quando
Tanta gente diz nada
Comovente ou relevante.

Um poema para quando tudo.
Um poema quando tudo para.

¹⁴ Doutora em Literatura Brasileira. Professora de Literatura Brasileira na FFLCH-USP. Poeta, autora de *Porta-retratos* (2015, Ateliê Editorial).marisehansen@usp.br.

Ana Ladeira¹⁵

uma emoção pequena, qualquer coisa

Língua um pouco presa, mas só
a língua
vestida de encanto e sotaque
O demais: pipa na ventania
de versos falados na rádio
ou se derramando de olhares
pequenas fontes de rimas.
Mil páginas, de minha parte,
dentro de uma mochila
e claraboias da alma
quase fechadas de risos.
Na língua predadora (presa?)
papos de armários se abrindo
em descaradas cantadas
dessas que deixam de quatro
em quatro horas, a droga
para cólica, o álcool
(língua mestra em química)
não corta o efeito
Os shows de rock, os divórcios
o mega grampo de cabelo
impróprio
entre os lençóis
(baianos ou maranhenses?)
Em cochichos emaranhadas depois
sem camisa quadriculada
nem colar de tartaruga
Antes, canção de liberdade a dois (a duas)
e a cuíca
na mão (copos, brindes, dedos-garras curtas)
de quem pode
Cheiro no cangote, aperto na cintura
e Alice Ruiz na ponta da língua
solta
Solta e dentro
da sua
boca

¹⁵ Poeta, professora e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Parte da sigla LGBTQIA+. E-mail: anamariatudojunto@gmail.com.

Ana Elisa Ribeiro¹⁶

aula de anatomia

os poemas ficam retidos
nas curvas das circunvoluções
do cérebro, este órgão de dois hemisférios,
à direita e à esquerda, dividido em cinco lobos,
um dos quais recebe o geográfico nome de insular;

os poemas podem estar insulados,
interrompidos a caminho dos olhos,
sem atravessar as paredes dessa
estrutura misteriosa, branca e gris,
que quando afetada nos torna irreconhecíveis;

o cérebro é tão poético quanto podem ser
as coisas que se dividem em dois inequívocos lados, cinco insatisfatórias partes,
tudo tingido de duas das mais inexpressivas cores;

sentipensamos em branco e cinza, à direita e à esquerda, e dessa forma, enterramos
os poemas que por ali trafegam, desperdiçando os impulsos elétricos que se
atropelam em sulcos e dobras, no amarrotamento dos pensamentos imperfeitos;

um poema nasce na voluta mais pulsante desse cérebro, mas segue sem direção até
tocar uma ideia desistente, que se tornará em pausa, depois em silêncio resolutivo, até
parecer que um verso – que seja – jamais existiu, sequer embrionário,
dentro dessa caixa craniana cabisbaixa, aturdida
pela impossibilidade de a poesia nascer
em qualquer elemento do lado de fora
de um corpo de fato humano.

¹⁶ Ana Elisa Ribeiro é autora de livros de poesia, conto, crônica e infantojuvenis por diversas editoras brasileiras. Na poesia, seus livros mais recentes são *Álbum* (Relicário, 2018, prêmio Manaus) e *Dicionário de Imprecisões* (Impressões de Minas, 2019, finalista do prêmio Jabuti 2020). Em 2021, lança seu terceiro título de crônicas, *Doida pra escrever*, pela Moinhos. É professora titular e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

sobre corpos

tenho colecionado momentos
sensações
presentes
retumbantes
palpitadas em espasmos
gozos
pausas
olhares
um roçar de olhos
comestíveis
revestido de cheiros
peles
temperaturas
que vão silenciando
os instantes invisíveis
sentidos no depois do aqui até um tempo escolhido de busca acanhada e incerta

fatias

em quantas partes me desfaço enquanto meu corpo deita?

deita o braço direito mãe sobre a cama, cansado da janta

deita a nuca cozinheira de cortar coentro no travesseiro com a mesma fronha de ontem

deita o ombro faxineira de sacudir tapetes

deita a coxa mulher de levar corpo mundo a fora

deita o cabelo professora, agora, livre e solto

deita o joelho felina de acolher pelos e afetos

deita a orelha cidadã de calar ruídos torpes

¹⁷ Ayana Moreira Dias é mãe, poeta, dramaturga, atriz, formada pela Escola Técnica de Teatro Martins Penna, mestre em Literatura Brasileira (UFF), com a pesquisa sobre a produção literária da escritora Carolina Maria de Jesus, especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas (UFRJ), licenciada em Letras Português/Francês (UERJ). Atualmente está professora de produção textual e integra o coletivo de escritoras negras Ominira – Quilombo de Escrevivências.

deita o calcanhar atriz de sonhar com saltos catárticos

deita o olho poeta de colorir passados

deita a mão amante de inundar desejos

deita o coração neta de memórias olhos d'água

deita a perna esquerda filha de sentir o chão, o castelo erguido ali

deita a barriga amiga de doação e acolhimento

deita o nariz escritora vinculando impossibilidades, um faro torto

deito. corpo inteiro dividido.

deito, máquina reflexiva incessante

deito, preocupações

deito, contas

deito, mar

deito, saudade

deito, cheiro

deito, alma

deito, mantra

deito, intuição

deito, medo

deito, carinho

deito, afeto

deito, cuidado

deito corpo cuidado

cuidado inteiro partido

pranto para a mulher que já não há [com direito a asas]

choro a morte iminente
desta outra que dentro de mim
ainda agoniza

seu corpo pesa e mal
consigo carregá-lo
meu peito arfa
dentro da forma moribunda
apodrecem as culpas

em alguns dias precisarei passar cânfora
na pele para encobrir o cheiro do cadáver
que sucumbirá
dentro de mim

eu assassinei esta mulher
era ela ou este par de asas enormes
que agora saem dolorosamente
pelas minhas escápulas
rasgando a carne e os sonhos

a mulher agoniza
agarra-se a mim por dentro
gruda as mãos nas vértebras
aperta o baço o pâncreas
a dor é intestinal

bem aqui ela se agarra a mim
arrisca a última dança
ao som dos meus dedos sob as teclas

na tela clara vejo a sombra das asas
o voo está próximo

¹⁸ Diana Junkes é poeta, crítica literária e professora de literatura brasileira da Universidade Federal de São Carlos, onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Poesia e Cultura - NEPPOC-CNPq e possui diversas publicações de impacto na área. É bolsista produtividade do CNPq. Como poeta publicou *clowns cronópios silêncios* (2017); *sol quando agora* (2018); *asas plumas macramê* (2019), *asfalto* (2021, no prelo), além disso veicula poemas em blogs, sites e lives. Sua poesia foi traduzida para o espanhol e antologias na França e EUA. E-mail: dijunkes@ufscar.br.